

SUE LYNN TAN

A FILHA  
DA DEUSA  
DA LUA

TRADUÇÃO DE  
RAFAEL SURGEK

  
ALTA BOOKS  
GRUPO EDITORIAL  
Rio de Janeiro, 2023

Ao meu marido, Toby, meu primeiro leitor e parceiro na vida.  
Isto não seria possível sem você.

E aos meus filhos, Lukas e Philip, por,  
*às vezes*, me deixarem trabalhar.

Amostra

Palácio da Luz Pura

Palácio de Jade

MAR DO NORTE

Bosque da Amoreira Perfumada

MAR DO OESTE

MUND  
O  
M  
O  
R  
T  
A  
L

REINO CELESTIAL

REINO DA FÊNIX

Palácio da Chama Vermelha

Palácio do Coral Perfumado

MAR DO LESTE

Floresta da Eterna Primavera

DESERTO DOURADO

MAR DO SUL

MUNDO DOS DEMÔNIOS

N



MUND  
O  
M  
O  
R  
T  
A  
L

Pico das Sombras

Heilongjiang

Rio Negro

Huanghe

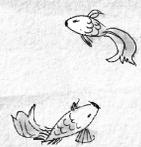
Rio Amarelo

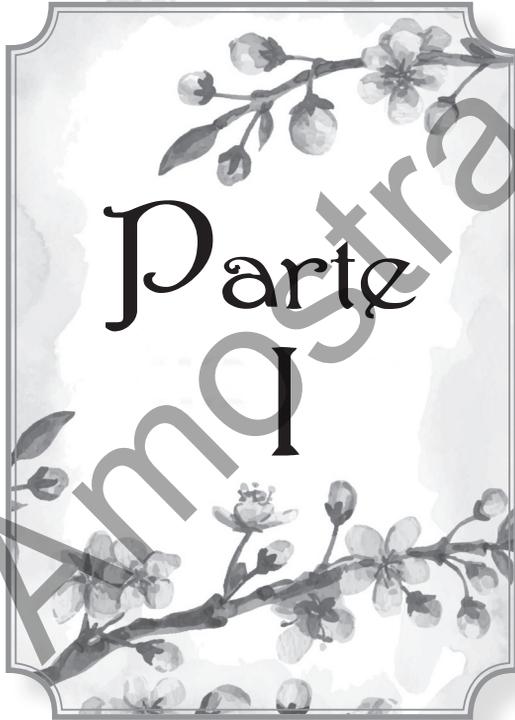
Changjiang

Rio Longo

Zhujiang

Rio Pérola





Parte  
Amqstra



**H**á uma porção de lendas sobre minha mãe. Algumas contam que ela traiu seu marido, um grande guerreiro mortal, roubando seu Elixir da Imortalidade para se tornar uma deusa. Outras a descrevem como uma vítima inocente que tomou o elixir enquanto tentava impedir que ladrões o pegassem. Seja qual for a história na qual você acredite, minha mãe, Chang'e, tornou-se imortal. Assim como eu.

Lembro-me da quietude de minha casa. Havia apenas eu, uma criada leal chamada Ping'er e minha mãe morando na lua. Vivíamos em um palácio feito de pedras brancas cintilantes, com colunas de madrepérola e um telhado deslumbrante de prata pura. Seus quartos amplos estavam cheios de móveis de canela-preta, e o aroma típico da especiaria fluuava pelo ar. Um campo de alvas jasmíns-do-imperador nos cercava, tendo um único loureiro no centro, que portava sementes luminosas, de um brilho etéreo. Não havia vento, pássaro, e nem mesmo mãos, que conseguissem arrancá-las; agarravam-se aos galhos com tanta firmeza quanto as estrelas ao céu.

Minha mãe era gentil e amorosa, mas um pouco distante, como se carregasse uma grande dor que entorpecera seu coração. Todas as noites, depois de acender as lanternas para iluminar a lua, ela ficava em nosso alpendre fitando o mundo mortal abaixo. Às vezes, eu acordava pouco antes do amanhecer e ainda a via ali, com os olhos envoltos em memórias. Incapaz de suportar a tristeza em seu semblante, eu a envolvia

em meus braços, e minha cabeça ficava na altura de sua cintura. Ela se encolhia ao sentir meu toque, como se despertasse de um sonho, antes de acariciar meu cabelo e me levar de volta a meu quarto. Seu silêncio me incomodava; eu tinha receio de tê-la chateado, embora ela raramente perdesse a paciência. Ping'er finalmente me explicou que minha mãe não gostava de ser perturbada nessas horas.

— Por quê? — indaguei.

— Sua mãe sofreu uma grande perda. — Ela ergueu a mão para calar minha pergunta seguinte. — Não cabe a mim dizer mais nada.

Pensar na tristeza dela trouxe a mim uma angústia perfurante.

— Já se passaram anos. Minha mãe algum dia vai se recuperar?

Ping'er ficou em silêncio por um momento.

— Algumas cicatrizes são entalhadas em nossos ossos; são parte de quem somos, moldes do que nos tornaremos. — Observando minha expressão cabisbaixa, ela me embalou em seus braços reconfortantes. — Mas ela é mais forte do que você pensa, Estrelinha. Assim como você.

Apesar dessas sombras fugazes, eu era feliz ali, não fosse pela dor torturante de que algo estava faltando em nossas vidas. Eu era solitária? Talvez, embora tivesse pouco tempo a perder ficando aborrecida com minha solidão. Todas as manhãs minha mãe me dava aulas de escrita e leitura. Eu moía o pigmento na pedra até que se formasse uma pasta preta brilhante, enquanto ela me ensinava a formar cada caractere com os traços fluidos de seu pincel.

Embora eu apreciasse esses momentos com minha mãe, eram das aulas com Ping'er que eu mais gostava. Minha pintura era razoável, e meu bordado era péssimo, mas isso não importava diante da música, pela qual me apaixonei. Algo na forma como as melodias se formavam mexia com emoções em mim que eu ainda não compreendia — fosse das cordas dedilhadas ou das notas que meus lábios moldavam. Sem amigos para disputar meu tempo, logo dominei a flauta e o *guqin* — a cítara de sete cordas —, superando as habilidades de Ping'er em apenas alguns anos. Em meu aniversário de 15 anos, minha mãe me presenteou com

uma pequena flauta de jade branca que eu carregava para todos os lugares em uma bolsa de seda pendurada na cintura. Era meu instrumento favorito; seu timbre era tão límpido que até mesmo os pássaros voavam até a lua para ouvi-lo — embora parte de mim acreditasse que eles vinham também para ficar fitando minha mãe.

Às vezes, eu me pegava olhando para ela, fascinada pela perfeição de suas feições. Seu rosto tinha o formato de uma semente de melão e sua pele brilhava com o lustro de uma pérola. Sobrancelhas delicadas arqueavam-se sobre esguios olhos negros, que se curvavam em crescentes quando ela sorria. Presilhas de ouro brilhavam nas voltas torcidas de seu cabelo escuro e uma peônia vermelha adornava um dos lados. Suas vestimentas internas eram do azul do céu do meio-dia, combinadas com um robe branco e prata, que fluía até seus tornozelos. Enrolada em sua cintura havia uma faixa vermelha, ornamentada com borlas de seda e jade. Algumas noites, enquanto eu estava deitada na cama, ouvia seu tilintar suave, e o sono vinha fácil quando eu sabia que ela estava por perto.

Ping'er me assegurou de que eu me parecia com minha mãe, mas isso era como comparar uma flor de ameixa à de lótus. Minha pele era mais escura, meus olhos eram mais redondos e meu maxilar era mais anguloso, com uma covinha no queixo. Será que eu havia puxado ao meu pai? Eu não sabia; nunca o conhecera.

Passaram-se anos até eu perceber que minha mãe, que enxugava minhas lágrimas quando eu caía e endireitava meu pincel quando escrevia, era a Deusa da Lua. Os mortais a adoravam, fazendo oferendas a ela a cada Festival do Meio do Outono — no 15º dia do 8º mês lunar —, quando a lua tinha seu brilho mais intenso. Nesse dia, eles queimam incensos em orações e preparam bolinhos da lua, com crostas tenras recheadas com uma incrível pasta doce de sementes de lótus e ovos de pato salgados. As crianças carregam lanternas brilhantes em forma de coelhos, pássaros ou peixes, simbolizando a luz da lua. Nesse dia, que acontecia uma vez ao ano, eu ficava na sacada, fitando o mundo lá embaixo, sentindo o cheiro do incenso perfumado que subia para o céu em homenagem a minha mãe.

Os mortais me intrigavam, porque minha mãe olhava para o mundo deles com muito anseio. Suas histórias me fascinavam, com suas batalhas por amor, poder e sobrevivência — embora eu tivesse pouca compreensão de tais intrigas em meu confinamento seguro. Li tudo o que estava ao alcance de minhas mãos, porém meus favoritos eram os contos de valentes guerreiros que lutavam contra inimigos temíveis para proteger quem amavam.

Um dia, enquanto eu estava vasculhando uma pilha de pergaminhos em nossa biblioteca, algo brilhante chamou minha atenção. Puxei essa coisa para fora, com o coração palpitando por encontrar um livro que eu não lera antes. Pela encadernação costurada de forma grosseira, parecia ser um texto mortal. A capa estava tão desbotada que eu mal conseguia distinguir a pintura de um arqueiro apontando um arco de prata para dez sóis no céu. Detectei os detalhes fracos de uma pena dentro dos orbes. Não, não eram sóis, mas pássaros curvados, formando bolas de fogo. Levei o livro para meu quarto, e meus dedos formigavam enquanto apertavam o papel quebradiço em meu peito. Afundando em uma cadeira, virei ansiosamente as páginas, devorando-as.

Começou como muitos contos de heroísmo, com o mundo mortal tragado por um terrível infortúnio. Dez pássaros solares ascenderam ao céu, queimando a terra e causando grande sofrimento. Nenhuma colheita era capaz de vingar no solo carbonizado e não havia água para beber nos rios secos. Dizia-se que os deuses do céu favoreciam os pássaros solares, e ninguém se atrevia a desafiar criaturas tão poderosas. Bem quando toda a esperança parecia perdida, um guerreiro destemido chamado Houyi empunhou seu arco glacial encantado. Ele disparou suas flechas ao céu, matando nove dos pássaros solares, salvo um, para que iluminasse a terra...

O livro foi tomado de mim. Minha mãe estava ali, vermelha, com a respiração curta e breve. Quando agarrou meu braço, suas unhas se cravaram em minha carne.

— Você leu isto? — gritou ela.

Minha mãe raramente levantava a voz. Olhei fixamente para ela, e enfim consegui assentir com a cabeça.

Ela me soltou, sentando-se com tudo em uma cadeira enquanto pressionava os dedos nas têmporas. Estendi a mão para tocá-la, com medo de que ela se afastasse, enraivecida, mas ela envolveu minhas mãos com as próprias, e sua pele estava fria como gelo.

— Fiz alguma coisa errada? Por que não posso ler isso? — perguntei, hesitante. Não havia nada fora do comum na história.

Ela ficou em silêncio por tanto tempo que pensei que não tinha ouvido minha pergunta. Quando finalmente se voltou para mim, seus olhos estavam luminosos, mais brilhantes que as estrelas.

— Você não fez nada de errado. O arqueiro, Houyi... ele é seu pai.

Uma luz passou veloz em minha mente, e meus ouvidos zumbiram com aquelas palavras. Quando eu era mais jovem, muitas vezes perguntava a ela sobre meu pai. No entanto, ela sempre caía em silêncio e sua face se tornava obscura, até que, por fim, minhas perguntas cessaram. Minha mãe carregava muitos segredos no coração, e não os compartilhava comigo. Até agora.

— Meu pai? — Enquanto eu dizia essas palavras, meu peito apertava.

Minha mãe fechou o livro, olhando demoradamente para a capa. Com medo de que ela saísse, ergui o bule de porcelana e lhe servi uma xícara de chá. Estava frio, mas ela o bebericou sem reclamar.

— No Reino Mortal, nós nos amávamos — ela começou a dizer, com a voz baixa e suave. — Ele também amava você, mesmo antes de seu nascimento. E agora... — Suas palavras foram sumindo enquanto ela piscava freneticamente. Segurei sua mão para confortá-la, como um lembrete gentil de que eu ainda estava ali. — E, agora, estamos separados por toda a eternidade.

Eu mal conseguia raciocinar em meio aos pensamentos que enchiam minha cabeça e às emoções que irrompiam dentro de mim. Desde que me entendo por gente, meu pai não passava de uma presença nebulosa

em minha mente. Quantas vezes sonhei com ele sentado a minha frente enquanto comíamos nossas refeições, passeando a meu lado sob as árvores em flor! Sempre que eu acordava, o calor em meu peito se dissolvia em uma dor vazia. Nesse dia, eu finalmente soube o nome de meu pai, e que ele me amava.

Não era de admirar que minha mãe parecesse assombrada todo esse tempo, presa em suas memórias. O que havia acontecido com meu pai? Ele ainda estava no Reino Mortal? Como acabamos aqui? No entanto, engoli minhas perguntas, enquanto minha mãe enxugava as lágrimas. Ah, como eu queria saber, mas não a machucaria para aliviar minha curiosidade egoísta.

O TEMPO PARA UM IMORTAL era como a chuva para o ilimitado oceano. Nossa vida era tranquila, agradável, e os anos passavam como se fossem semanas. Quem sabe quantas décadas teriam se passado dessa maneira se minha vida não tivesse sido lançada à turbulência, como uma folha arrancada de seu galho pelo vento?

Era um dia claro, a luz do sol entrava por minha janela. Deixei de lado meu *guqin* laqueado, fechando os olhos para descansar. Como acontecera antes, partículas de luz prateada flutuaram em minha mente, puxando-me e provocando-me — assim como o cheiro de jasmim-do-imperador me atraía para a floresta todas as manhãs. Eu queria ir até elas, mas lembrei-me do aviso severo de minha mãe.

— Não se aproxime delas, Xingyin — implorou, e sua pele estava pálida. — É muito perigoso. Confie em mim, elas vão desaparecer.

Prometia a ela gaguejando que não faria isso. E, ao longo dos anos, mantive minha palavra diligentemente. Sempre que um brilho prateado me chamava, eu pensava com afinco em outras coisas — uma música ou meu último livro — até minha mente clarear e ele desaparecer. No entanto, isso estava ficando cada vez mais difícil, porque as luzes brilhavam mais forte e seu chamado era mais tentador. O desejo de tocá-las era quase irresistível.

Nesse dia elas brilharam demais, como se sentissem minha determinação vacilar, a agitação inquieta em meu sangue. Eu sentia isso com mais frequência ultimamente, uma parte de mim ansiando por... algo que não tinha nome. Uma mudança, talvez. Mas nunca acontecia nada aqui. Nada nunca mudava.

As luzes não pareciam perigosas. Minha mãe estaria enganada? Ela havia me alertado contra inúmeras coisas tão inofensivas quanto subir em uma árvore ou correr pelos corredores, talvez lembrando-se de tais perigos de sua infância mortal. Aproximei-me do brilho em minha mente. Mais perto do que nunca. Alguma coisa me agarrou, arrastando-me para longe — era medo ou culpa? Porém, agora, imprudente, rasguei essas coisas como se fossem teias de aranha. Eu estava à beira, pendendo no limite. Uma corrente passou por minhas veias; sussurros espiralavam em meus ouvidos. Inclinando-me para frente, estendi a mão — apenas para ver o prateado cintilante se espalhar como a luz das estrelas ao amanhecer.

Meus olhos se abriram, e meus sentidos formigavam. Eu não tinha ideia de quanto tempo fiquei sentada ali, perdida em um torpor. Além de minha janela, o sol da tarde fazia uma infusão de fios de rosa e ouro no céu. A emoção se foi; o remorso desceu como uma pedra sobre meu peito. Eu quebrara a promessa feita a minha mãe. E, pior ainda, queria fazer isso de novo. Aquelas luzes não eram perigosas, eram parte de mim — agora eu sabia disso, com uma certeza surpreendente. Por que ela me advertiu contra elas? *Vou perguntar por quê*, decidi, levantando-me. *Tenho idade suficiente para saber.*

Assim que cheguei à entrada, uma energia estranha zumbiu no ar, arrepiando os pelos de minha nuca. Auras de imortais — desconhecidas para mim — oscilando e se mesclando, como as nuvens no céu. Eu não sabia dizer quantas, embora uma parecesse brilhar mais forte do que o resto, muito mais forte do que a de minha mãe ou a de Ping'er.

Quem viera aqui?

Quando escancarei as portas, minha mãe voou para meu quarto. Tropecei para trás, batendo em uma cadeira. Ela descobriu o que eu havia feito? Estava aqui para me repreender?

Abaixei a cabeça.

— Sinto muito, Mãe. As luzes...

Ela agarrou meus ombros.

— Isso não importa, Xingyin. Temos uma visitante. Ela não pode saber que você está aqui. Que é minha filha.

Minha pulsação disparou diante da ideia de conhecer alguém diferente. Então, o sentido das palavras dela me atingiu, assim como seu tom, e minha animação foi amassada como uma folha de papel.

— A senhora não quer que eu conheça sua amiga?

Suas mãos me largaram, e os contornos de seu rosto se endureceram até que parecessem esculpido em mármore.

— Não é uma amiga, é a imperatriz do Império Celestial. Ela não sabe sobre você, ninguém sabe. E não podemos deixar que eles a encontrem!

As palavras dela, apressadas e trôpegas, me assustaram, apesar da excitação que despertou dentro de mim. Eu havia lido que o Império Celestial era a mais poderosa das oito terras imortais, aninhado como uma preciosa lágrima no coração do reino. Seu imperador e sua imperatriz viviam em um palácio que flutuava sobre um banco de nuvens, de onde governavam os Celestiais e os mortais, e vigiavam o sol, a lua e as estrelas. Em todo o nosso tempo aqui, eles nunca haviam se dignado a visitar nossa casa afastada, então por que agora?

E por que eu tinha que me esconder?

Uma vibração estranha na boca de meu estômago espalhou tentáculos gélidos por meu ser.

— O que há de errado? — indaguei, esperando que ela negasse.

Ela tocou minha bochecha com ternura.

— Explicarei tudo depois. Por enquanto, fique em seu quarto e não faça barulho.

Assenti e ela saiu, fechando as portas. Apenas então percebi que minha mãe não havia respondido a minha pergunta. Abri um livro, devolvendo-o a seu lugar depois de ler a mesma linha três vezes. Dedilhei uma corda do *guqin*, mas depois a belisquei para abafar a nota. Enquanto eu olhava para as portas fechadas, uma curiosidade ardente me envolveu, consumindo meu medo. Lentamente, caminhei em direção a elas, abrindo uma fresta. Apenas uma olhada na Imperatriz Celestial e eu voltaria para meu quarto. Quando eu teria outra chance de vê-la, uma das imortais mais poderosas do reino? E ela pode até estar usando sua Coroa da Fênix, que dizem ser feita de penas de ouro puro e ornamentada com cem pérolas luminosas.

Silenciosa como uma sombra, andei na ponta dos pés pelo longo corredor que levava de meu quarto ao Salão Prateado da Harmonia — o cômodo mais grandioso de nosso Palácio da Luz Pura — com seu piso de mármore, lâmpadas de jade e cortinas de seda. Pilares de madeira inseridos em bases de prata adornadas adicionavam um toque de calor a sua elegância impecável. Era o local onde sempre imaginei que entreteríamos nossos convidados, embora nunca tivéssemos tido um até então.

Logo que saí do quarto, uma voz suave veio flutuando. Agucei meus ouvidos.

— Chang'e, como tem passado? — O tom cordial da Imperatriz Celestial me surpreendeu. Ela não parecia tão temível assim.

— Bem, Vossa Majestade Celestial. Obrigada pela preocupação. — A voz de minha mãe estava radiante, mas de um jeito não natural.

Um breve silêncio sucedeu essa troca de cortesias. Agachando-me junto à parede, estiquei o pescoço para espiar o saguão. Minha mãe se ajoelhou no chão, com a cabeça baixa, e, na frente dela, sentada na cadeira de minha mãe, só podia ser a Imperatriz Celestial.

Ela não estava usando uma coroa, mas um elaborado diadema feito com joias na forma de folhas e flores que tilintavam quando ela se movia.

Enquanto eu a fitava, fascinada, um botão desabrochou, abrindo-se em uma orquídea de ametista. Sobre as pontas de seus dedos brilhavam dedais de ouro pontiagudos, curvos como as garras de um falcão. O bordado prateado em seu roupão violeta refletiu a luz fraca que entrava pelas janelas. Ao contrário da aura delicada e calma de minha mãe, a dela era forte, pulsando quente. Ela era deslumbrante, mas seus lábios brilhantes contrastando com sua pele alva me fizeram pensar em sangue recém-derramado na neve.

Fazendo jus a seu grau altíssimo de nobreza, a imperatriz não viera sozinha. Seis criados estavam atrás dela — juntos a um homem alto e imortal, de pele mais escura que os demais. Peças achatadas de âmbar adornavam seu chapéu preto, suas vestes escuras estavam presas com uma faixa de bronze e luvas brancas cobriam suas mãos. Eu não sabia nada sobre a Corte Celestial, mas a maneira como ele se portava parecia indicar que ocupava uma posição mais elevada do que os demais. No entanto, havia algo nele de que eu não gostava e, enquanto seus olhos castanho-claros e cortantes vasculhavam a sala, eu recuei, pressionando minhas costas contra a parede.

Após uma breve pausa, a imperatriz falou novamente, e sua voz agora era mais fria do que uma peça de jade que não estava sendo usada.

— Chang'e, foi detectada uma mudança peculiar na energia aqui. Está cultivando um poder secreto ou abrigando um hóspede proibido, violando os termos de sua prisão?

Eu endureci, e minhas omoplatas ficaram rijas com o jeito que ela falou. Um anseio parecia revestir cada palavra, como se ela se divertisse com a ideia do erro de minha mãe. Imperatriz ou não, como ela se atrevia a falar dessa maneira? Minha mãe era a Deusa da Lua, adorada e amada por incontáveis mortais! Como poderia ser uma prisioneira? Este lugar era mais do que nossa casa; era o domínio de minha mãe. Quem acendia as lanternas todas as noites? Por quem as árvores balançavam e suspiravam enquanto ela passava? Como ela poderia fazer qualquer coisa aqui que não fosse um direito seu?

— Vossa Majestade Celestial, deve haver algum mal-entendido. Meus poderes são fracos, como sabe. Não há mais ninguém aqui. Quem ousaria vir? — respondeu minha mãe com firmeza.

— Ministro Wu. Compartilhe sua descoberta — ordenou a imperatriz.

Ouvi passos arrastados à frente.

— Hoje cedo, uma mudança significativa na aura da lua foi detectada. Algo sem precedentes, em todos os meus anos de estudo. Não pode ser mera coincidência.

Em sua voz suave, senti um fundo de animação. Ele apreciava os problemas de minha mãe, tal como a imperatriz? A ideia me queimou de raiva, apesar do desconforto formigante que sentia. Aquela adrenalina em minhas veias mais cedo quando eu toquei as luzes, o sussurro no ar... teria isso os atraído para cá de alguma forma?

— Espero que nossa leniência não a tenha tornado ousada — sibilou a imperatriz. — Você teve sorte antes, ao ter sido presa aqui confortavelmente por ter roubado o Elixir da Imortalidade de seu marido. Escapou do chicote relâmpago e da haste flamejante. Mas isso mudará se descobirmos que está envolvida em mais desventuras. Confesse agora e talvez sejamos misericordiosos — disparou ela, despedaçando a tranquilidade de nossa casa.

Minha mão voou a minha boca, sufocando meu suspiro. Eu nunca perguntara a minha mãe como ela ascendeu à imortalidade, sentindo que isso a fazia sofrer. No entanto, desde que li a história dos pássaros solares, uma pergunta continuou girando em minha mente: onde estava meu pai? Ouvir que ele recebeu o elixir e minha mãe foi acusada de roubá-lo... embrulhou o meu estômago. *A imperatriz estava errada*, disse a mim mesma, ferozmente, enterrando um traço de dúvida.

Minha mãe não vacilou, tampouco negou essas acusações vis. Será que estava acostumada a ser tratada assim pela imperatriz? Quando espiei o cômodo novamente, ela estava curvada, pressionando a testa e as palmas das mãos no chão.

— Vossa Majestade Celestial. Ministro Wu. Talvez esse fenômeno tenha sido causado pelo recente alinhamento das estrelas. A constelação do Dragão Azul entrou na rota da lua, o que pode ter distorcido nossas auras. Quando passar, as coisas devem voltar ao normal. — Ela falava como um pesquisador que estudava os céus, embora eu soubesse que ela não tinha interesse em tais assuntos.

Seguiu-se um longo silêncio, interrompido por batidas rítmicas — os dedais pontiagudos de ouro da imperatriz cravaram-se na madeira macia do apoio de braço. Finalmente, ela se levantou, com os criados reunidos atrás dela.

— Pode ser, mas voltaremos. Você foi deixada sozinha por tempo demais.

Fiquei feliz por eles partirem, apesar da ameaça à espreita no tom da imperatriz, como um cordão de seda muito tensionado. Incapaz de ouvir mais, voltei silenciosamente para meu quarto e me deitei na cama, olhando pela janela. O céu escureceu ao indescritível cinza-violeta do crepúsculo, quando a última luz do dia dá lugar à noite. Minha mente estava entorpecida, embora eu ainda tenha sentido o instante em que aquelas auras desconhecidas desapareceram. Momentos depois, minha mãe abriu as portas, com o rosto mais branco do que as paredes de pedra.

Minhas dúvidas desapareceram. Eu não acreditava na Imperatriz Celestial. Minha mãe nunca teria traído meu pai. Nem mesmo pela imortalidade.

Levantei-me da cama, indo para o lado dela. Eu já tinha quase a mesma altura que ela.

— Mãe, ouvi o que a imperatriz lhe disse.

Ela me abraçou com muita força. Contra seu ombro, relaxei, aliviada por ela não estar com raiva, embora seu corpo estivesse muito tenso.

— Não temos muito tempo. A imperatriz pode voltar a qualquer momento com seus soldados — sussurrou ela.

— O que eles podem fazer? Não fizemos nada de errado. — Meu estômago revirou, uma sensação desagradável. — Somos prisioneiras? O que a imperatriz quis dizer sobre o elixir?

Ela se inclinou para trás para fitar meu rosto.

— Xingyin, *voce* não é uma prisioneira aqui. Mas eu sou. O Imperador Celestial concedeu o Elixir da Imortalidade a seu pai, por matar os pássaros solares e salvar o mundo. Porém, Houyi não o tomou. Havia apenas o suficiente para uma pessoa e ele não queria subir aos céus sem mim. Eu estava grávida, nossa felicidade parecia completa. Assim, ele escondeu o elixir, e só eu sabia onde.

Então, sua voz ficou embargada.

— Mas meu corpo estava muito fraco para suportar seu parto. Os médicos nos disseram que você... que não sobreviveríamos ao nascimento. Houyi não queria acreditar neles, não queria desistir, levava-me a um especialista após o outro, em busca de um prognóstico diferente. No entanto, no fundo, eu sabia que diziam a verdade. — Ela fez uma pausa, e uma tensão se formou ao redor de seus olhos, como se ela estivesse tocando memórias doloridas. — Quando ele foi chamado para batalha, fiquei sozinha. As contrações começaram, muito antes do esperado, na calada da noite. Tal agonia rasgou meu corpo, eu mal conseguia gritar. Eu estava com tanto medo de morrer, de perder você...

Quando ela ficou em silêncio, a pergunta saiu de mim em uma explosão:

— O que aconteceu?

— Peguei o elixir no esconderijo, tirei a rolha e o bebi.

Na quietude da sala, só o que se ouvia era a batida de meu próprio coração. Minhas mãos não estavam mais aquecendo as de minha mãe, estavam tão frias quanto as dela.

— Você me odeia, Xingyin? — perguntou ela, com a voz trêmula. — Por trair seu pai?

As palavras da imperatriz eram verdadeiras. Por um momento não pude me mover; minhas entranhas se contorceram com aquela revelação. Se minha mãe não tivesse tomado o elixir, talvez tivéssemos sobrevivido. Minha família estaria incólume. No entanto, eu sabia o quanto ela amava meu pai, o quanto lamentou sua perda. E, independentemente de qualquer coisa, eu estava grata por estar viva.

Engoli o resto de minha hesitação.

— Não, mãe. A senhora nos salvou.

Seu olhar estava distante, velado pela memória.

— Deixar seu pai... ah, como doeu. Embora eu deva admitir que não queria morrer. Nem poderia deixar *você* morrer. Apenas mais tarde fui perceber que os presentes do Imperador Celestial vinham com cordéis invisíveis. Que tais decisões não cabem aos mortais. O imperador ficou furioso por ter sido eu quem se tornou imortal em vez de seu ilustre pai. A imperatriz me acusou de empregar ardis para obter a imortalidade que eu não merecia.

— A senhora explicou o que houve? — perguntei. — Certamente, se eles soubessem que era para salvar nossas vidas...

— Não ousei. A imperatriz parecia hostil, como se guardasse algum rancor contra seu pai. Ela até o acusou de ingratidão por rejeitar o presente do imperador. Eu soube, então, que ela tentou puni-lo ao invés de recompensá-lo por matar os pássaros solares. Ela não hesitaria em prejudicá-lo. Como eu poderia contar a eles que você existia? Para protegê-la da ira dos imperadores, mantive seu nascimento em segredo. Confessei meu roubo. Como punição, fui exilada para a lua. Um encantamento foi lançado sobre mim e me prende aqui por toda a eternidade. Não posso deixar este lugar, não importa o quanto queira. — Em voz baixa, acrescentou: — Um palácio do qual você não pode escapar nada mais é que uma prisão.

Lutei para respirar; meu peito arfava como um peixe lançado para fora da água. Eu pensava que nossas vidas eram muito pacíficas, muito

seguras de todos os perigos em meus livros. Saber que incorremos na ira dos imortais mais poderosos do reino abalou todo o meu ser.

— Mas por que a imperatriz apareceu hoje, depois de todo esse tempo?

— Nossas auras emanam de nossa força vital, o núcleo de nossa magia; aquelas luzes que você vê em sua mente. Desde que você nasceu, fizemos nosso melhor para esconder seu poder. Apesar de nossos esforços, hoje a imperatriz sentiu você.

Minha garganta se fechou.

— Não sabia. Isso é tudo culpa minha.

Como fui estúpida e imprudente! Por estar entediada, ignorei o aviso de minha mãe, quebrei minha promessa e nos arremessei ao mais grave dos perigos.

— Eu também sou culpada. Eu lhe disse para *não* tentar tocar sua magia, mas deveria ter explicado o motivo; que isso poderia alertar o Reino Celestial sobre sua presença — suspirou ela. — Isso teria acontecido em algum momento; a cada ano você fica mais forte. Se eles a encontrarem, nossa punição será severa, não tenho dúvidas. Temo menos por mim, e mais pelo que fariam com você, uma criança imortal que não deveria existir.

— O que podemos fazer?

— Apenas uma coisa. Você deve partir.

O medo vitrificou minha pele como gelo se formando sobre um lago. Nunca mais ver minha mãe... subitamente, senti um medo de soltá-la.

— Não posso ficar com a senhora? Eu me escondo. Treine-me, para que eu possa ajudar.

— Não dá. Você ouviu as palavras da imperatriz. Eles estarão nos observando ainda mais de perto agora. É tarde demais.

— Talvez a senhora os tenha convencido, talvez eles não voltem. — Um apelo desesperado, uma esperança infantil.

— Eu posso ter ganhado um pouco de tempo para nós. Mas a imperatriz não teria vindo por mero capricho. Eles voltarão. E depressa. — Sua voz ficou mais embargada, obstruída pela emoção. — Não somos capazes de proteger você. E não somos fortes o suficiente.

— Mas para onde irei? Quando nos veremos de novo? — Cada palavra era um golpe, dando forma ao pesadelo que se formava.

— Ping'er levará você até a família dela, no Mar do Sul. — Ela falava em um tom radiante agora, como se tentasse convencer nós duas. — Ouvi dizer que o oceano é lindo. Você terá uma boa vida lá, livre da nuvem que paira sobre nós.

Ping'er compartilhara comigo tudo o que sabia das terras além, agitando minha imaginação, que ansiava por aventuras. O grande mar estava dividido em quatro domínios que se estendiam da costa leste ao oceano austral, das falésias a oeste às águas do norte. Eu ficava estupefata com suas histórias sobre as criaturas que viviam nas cidades reluzentes submersas ou nas margens douradas. Como eu tinha sonhado em explorá-las...

Contudo, *nunca* imaginei fugir de casa para fazer isso. De que adiantavam as aventuras quando não havia ninguém com quem compartilhá-las?

A mão de minha mãe se fechou ao redor da minha, arrastando-me de volta ao presente.

— Você nunca deve dizer a ninguém quem é. O Imperador Celestial tem informantes em todos os lugares. Ele entenderia sua própria existência como um insulto imperdoável. — Ela falou com urgência, e seus olhos penetraram os meus, até que lhe fiz minha promessa sufocada. Inclinando-se para mim, então, ela prendeu algo em volta de meu pescoço. Um colar de ouro com um pequeno disco de jade. Era da cor das folhas da primavera, com a escultura de um dragão na superfície. Meus dedos esfregaram a pedra fria, sentindo uma fina rachadura na borda. — Isto pertencia a seu pai. — Seus olhos estavam tão escuros quanto uma noite

sem luar. — Não diga a ninguém quem você é. Mas nunca se esqueça de suas origens.

Ela me abraçou com mais força, acariciando meu cabelo. Mantive a cabeça baixa, em covardia, não querendo vê-la partir, desejando que aquele momento durasse para sempre. Seus dedos roçaram minha bochecha uma vez, e então não havia mais nada, exceto um vazio dolorido.

Afundando no chão, envolvi meus joelhos com os braços. Ah, como eu queria gritar, berrar, socar o chão. Minha mão foi rapidamente para a boca, abafando meus soluços roucos, mas minhas lágrimas silenciosas... permiti que escorressem por meu rosto. No período de uma única noite, no qual a flor da lua floresce e murcha, minha vida foi revirada. Meu caminho, que parecia uma estrada reta, traçou uma curva no deserto — e eu estava perdida.

O quarto estava escuro, a noite caíra. A lua ainda estava envolta em sombras, pois as lanternas não haviam sido acesas. O despontar da lua viria mais tarde naquela noite.

A emergência me fez entrar em ação. Se mamãe e Ping'er seriam punidas, eu não queria ser descoberta. Embora a morte raramente fosse infligida a imortais, as ameaças de relâmpago e fogo da imperatriz faziam meu corpo se contrair de pavor.

Ping'er me ajudou a empacotar meus pertences em uma grande trouxa.

— Não leve muito, e nada muito requintado, para não levantar suspeitas. — Seus olhos estavam vermelhos, mas, vendo minha expressão aflita, acrescentou: — Você estará a salvo no Mar do Sul, tão oculta como uma estrela nos céus. Minha família cuidará de você e ensinará tudo o que precisa saber. — Ela amarrou as pontas do pano da trouxa, formando uma bolsa que pendurou em meu ombro. — Vamos?

Eu não queria. No entanto, insensível a tudo, assenti. O que mais eu podia fazer? Eu não podia nem mesmo culpar os caprichos do destino, pois fui *eu* quem causei isso a nós.

Enquanto Ping'er e eu corríamos pela entrada, indo para o leste, em direção à floresta de jasmíns-do-imperador, olhei para trás uma última vez. Nunca minha casa pareceu mais bonita do que naquele momento em que eu estava gravando a fogo cada curva, cada pedra em minha mente. As mil lanternas iluminavam o solo, as telhas prateadas refletiam as estrelas. E, na sacada onde eu olhava para o mundo abaixo, havia uma figura esbelta, trajando branco.

O olhar de minha mãe não estava fixo no Reino Mortal, mas em mim, com a mão erguida em despedida. Ignorando o puxão urgente de Ping'er na manga de minhas vestes, eu caí de joelhos, curvando-me para pressionar a testa na terra macia. Meus lábios se moveram em um voto silencioso: eu voltaria, libertaria minha mãe. Não sabia como, mas tentaria com tudo o que havia em mim. Esse *não* seria nosso fim. Enquanto eu seguia Ping'er em direção à nuvem que nos levaria para longe, a dor atingiu meu coração com tanta força e clareza que o partiu; a única coisa que o mantinha unido era um fio tênue de esperança.

Amostra